



COMÉRCIO INDÍGENA: UMA ANÁLISE DA PRÁTICA DO COMÉRCIO TICUNA NA CIDADE DE TABATINGA (AM) À LUZ DE CONCEITOS EM NORBERT ELIAS

Junior Peres de Araujo¹

Dr. Gláucio Campos Gomes de Matos²

RESUMO

Este artigo trata do comércio praticado pelo povo Ticuna na cidade de Tabatinga (AM) com uma análise a partir de conceitos em Norbert Elias. Objetivou-se descrever e refletir sobre as relações que se estabelecem através da prática do comércio entre os Ticuna e os não indígenas que procuram este espaço em busca dos produtos nativos. Somando ainda as transformações recentes ocorridas na comunidade, que contribui para uma maior entrada de não indígenas e, conseqüentemente o fortalecimento da integração e do contato intercultural. E para melhor compreendermos esses processos, nos apropriamos de conceitos universais para o estudo de qualquer sociedade trabalhados por Norbert Elias sobre Civilização, Figuração e Processos Sociais. O trabalho de campo foi realizado sob o aporte da observação participante, com registro em diário de campo e fotografias das atividades cotidianas realizadas pelos feirantes no espaço de comércio de seus produtos. Assim, percebemos que recentes mudanças ocorridas como a pavimentação da via de acesso às comunidades fortalecem o contato intercultural e altera disfarçadamente o ritmo de vida dos moradores.

Palavras chave: comércio; processos sociais; integração.

ABSTRACT

This article deals with the trade practiced by the Ticuna people in the city of Tabatinga (AM) with an analysis based on concepts in Norbert Elias. The objective was to describe and reflect on the relationships that are established through the practice of trade between the Ticuna and non-indigenous who seek this space in search of native products. Adding also the recent transformations that occurred in the community, which contributes to a greater entrance of non-indigenous people and, consequently, the strengthening of integration and intercultural contact. And to better understand these processes, we appropriate universal concepts for the study of any society worked by Norbert Elias on Civilization, Figuration and Social Processes. The fieldwork was carried out with the help of participant observation, with a field diary and photographs of the daily activities performed by the marketers in the trade space of their products. Thus, we realize that recent changes such as paving the access road to communities strengthen intercultural contact and disguised the pace of life of residents.

Keywords: commerce; social processes; integration.

¹ Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado Amazonas, mestrando do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia - UFAM. junior_peres.a@hotmail.com

² Professor e orientador do Programa de Pós-graduação em Sociedade e cultura na Amazônia - UFAM. glauciocampos@bol.com.br



1. INTRODUÇÃO

Este trabalho faz uma abordagem reflexiva acerca da prática do comércio indígena, estabelecido entre as comunidades de Umariacú I e II na cidade de Tabatinga-AM, à luz de conceitos em Norbert Elias.

As comunidades indígenas de Umariacú I e II no município de Tabatinga-AM pertencem à etnia Ticuna, o mais populoso grupo indígena do Brasil segundo o IBGE. Ambas estão situadas às margens direita do Rio Solimões e juntas somam 7.219 habitantes (ISA, 2017), com uma área de 4.855 (ha) homologada em 14 de dezembro de 1998. A maior parte de seus integrantes são bilíngue, com domínio de sua língua materna e da língua pátria, apenas uma minoria ainda não tem domínio do português ou entende e fala pouco o português.

As duas comunidades não estão tão distantes da área urbana da cidade, de modo que é possível o seu acesso mesmo por via terrestre até o pequeno espaço criado há pouco tempo, localizado entre as duas comunidades, para o comércio de produtos nativos produzidos pelas famílias, que tem atraído muitas pessoas para a comunidade. Entretanto, este fenômeno tem sido recente, devido às transformações ocorridas na comunidade que propiciaram o elevado fluxo de entrada de visitantes na comunidade. A principal delas é a pavimentação da principal estrada que dá acesso até as duas comunidades.

Neste sentido, este estudo busca analisar a prática do comércio entre os Ticuna e os não indígenas que procuram este espaço em busca dos produtos nativos. E ainda compreender as transformações recentes ocorridas na comunidade, que contribuíram para uma maior entrada de não indígenas e, conseqüentemente o fortalecimento da integração e do contato intercultural. E para melhor compreendermos esses processos, nos apropriamos de conceitos trabalhados por Norbert Elias.

À luz destes conceitos buscamos entender as relações estabelecidas entre indígenas e não indígenas, através de uma prática inerente à cultura ocidental e distinta da tradição dos povos indígenas, que aos poucos avança para a vida cotidiana do povo Ticuna de Umariacú na cidade Tabatinga. E ainda as



transformações que avançam simultaneamente em direções opostas, no sentido de integração e desintegração de ambas as comunidades à cidade.

O estudo bibliográfico trouxe para este artigo a compreensão de outros teóricos como: a pesquisa realizada em 2014 por Macêdo et al. sobre “Economia indígena: os modos de produzir e viver dos Ticuna na cidade de Tabatinga (AM)”; os estudos de Lévi Strauss (1946) sobre “Guerra e Comércio entre os Índios da América do Sul” e os entendimentos do professor doutor Gláucio Campos (2015), intérprete das teorias de Norbert Elias, em seu livro “Ethos e figurações na hinterlândia amazônica”.

O trabalho de campo foi realizado sob o aporte da observação participante, com registro em diário de campo e fotografias das atividades cotidianas realizadas pelos feirantes no espaço de comércio de seus produtos.

2. CONCEITOS EM NORBERT ELIAS

O conceito de civilização hoje tem se ampliado cada vez mais, levantando mesmo questionamentos, por exemplo, sobre quando uma determinada sociedade pode ser considerada civilizada. No entanto, Norbert Elias atribui um conceito Universal acerca de civilização, aplicável a qualquer sociedade. Elias (2006, p. 21) considera que os seres humanos possuem uma “auto-regulação individual de impulsos do comportamento”, ou seja, uma civilização. Os seres humanos dispõem de um controle de seus afetos e pulsões, que os ajustam dentro de comportamentos de um determinado modelo de sociedade.

Entretanto, Elias (2006) destaca que as auto-coações são conversões das coações exteriores. Sendo assim, as coações externas já estão postas num modelo de sociedade e, são absorvidas mediante o aprendizado dentro de figurações específicas. As figurações sempre estiveram presentes, determinando também os comportamentos. Segundo Elias:

Apenas os seres humanos formam figurações uns com os outros. O modo de sua vida conjunta em grupos grandes e pequenos é de certa maneira, singular e sempre co-determinado pela transmissão de conhecimento de uma geração a outra, portanto, por meio do ingresso do singular no mundo simbólico específico de uma figuração já existente de seres humanos [...] Um ser humano adulto, que não teve acesso aos símbolos da língua e do conhecimento de determinado grupo humano permanece fora de todas as figurações humanas e, portanto, não é propriamente um ser humano (2006, p. 25).



Neste sentido, é necessário aos seres humanos o convívio em grupo para o processo de internalização dos comportamentos determinados. “Cada ser humano assemelha-se ao outro e é, ao mesmo tempo, diferente de todos os outros” (2006, p. 26). As figurações formadas por seres humanos propiciam os processos sociais, transformações em caráter de direções que se opõem e ocorrem simultaneamente, sendo um na forma de ascensão e outro na forma de declínio. Alguns exemplos segundo Elias são:

A diferenciação crescente e decrescente de funções sociais, o aumento ou a diminuição do capital social ou do patrimônio social do saber, do nível de controle humano, sobre a natureza não-humana ou da compaixão por outros homens, pertençam eles ao grupo que for. Logo, é inerente dos processos sociais que eles sejam bipolares (2006, p. 28).

É possível a previsão da direção oposta dos processos sociais, tendo em vista sua simultaneidade e analogia, por meio da investigação dos pares conceituais definidos por Elias como, “integração e desintegração, engajamento e distanciamento, civilização e descivilização, ascensão e declínio” (2006, p. 28). Através da aplicação destes conceitos em Norbert Elias, é possível o estudo e compreensão de qualquer modelo de sociedade, tendo em vista seu caráter universal.

3. A FEIRA TICUNA DE UMARIAÇÚ I E II

As comunidades são ligadas à área urbana da cidade por uma única estrada, pavimentada no final do ano de 2018 com recursos do Governo do Estado em parceria com a Prefeitura do município, pois a principal estrada que antes dava acesso à comunidade foi levada pela força da água, uma vez que ficava às margens do rio. Assim como a estrada, muitos terrenos também foram levados e outros condenados pela defesa civil.

Esta atual estrada de acesso à comunidade é a única pavimentada e, atravessa a primeira comunidade chegando até a segunda comunidade, todavia está incompleta. Antes da pavimentação dessa principal via, o acesso à comunidade era quase impossível, pois em períodos de chuva ficavam com muita lama. No entanto, após a sua estruturação, facilitou o acesso, aumentando ainda mais o fluxo de entrada de não indígenas e, isto certamente configura de que Norbert Elias (2006, p.



28) denominou de processos sociais, o nível de controle do ser humano sobre a natureza, em que a modifica, pavimentando uma simples estrada pode desencadear numa integração e no fortalecimento de contato intercultural.

Contudo, Elias ainda destaca as peculiaridades bipolares inerentes dos processos sociais, no sentido de a integração acarretar a desintegração e ambas ocorrerem simultaneamente, porém em direções opostas. Neste sentido, o fortalecimento do contato por meio da integração da comunidade com a zona urbana da cidade de Tabatinga, causa o enfraquecimento dos costumes e influencia no modo de vida tradicional do povo.

A principal atração de ambas comunidades, é uma feira criada com o incentivo de um vereador de Tabatinga, onde são comercializados produtos variados, agrícolas, caça e pesca. Esta, tem sua localização próxima a ponte de concreto que liga as duas comunidades, na parte da segunda comunidade.



Fotografia 1: Feira



Fotografia 2: Ponte de Umariacú II

Este pequeno espaço de comercialização, tem se tornado a principal fonte de renda de muitas famílias, que antes pescavam, caçavam e cultivavam apenas para a própria subsistência e, agora, passaram também a comercializar seus produtos, para suprir outras necessidades ou mesmo para adquirir outros alimentos vendidos fora da comunidade. Macêdo et al. (2014, p. 11) destaca que a alimentação dos Ticuna tem variado muito, não sendo suficiente os alimentos produzidos na comunidade, tornando-se necessário a busca por outros alimentos na cidade.

A maior parte dos produtos hortifrútis e hortaliças comercializados na feira, advém do cultivo dos quintais das famílias, que são considerados quintais agroflorestais (MATOS, 2015), onde são cultivados uma diversidade de frutas silvestres e hortaliças e, em alguns casos, ainda servem como espaço para a



preparação da farinha, sem a necessidade de um longo deslocamento até a casa de farinha na roça. Desta forma, a família se ocupa apenas de trazer a mandioca para casa após a colheita, esta é considerada uma forma mais viável segundo algumas famílias que consideram menos trabalhoso todo o processo, pois a produção da farinha se estende por vários dias, caso obtém-se uma grande colheita.

Dentre os hortifrúteis comercializados se destacam o maracujá, buriti, mamão, melancia, sapota, cacau, pupunha, banana, abil, tucumã, castanha, ingá, fruta pão, tacuai, chá de mato, perna de jabuti, maracujá do mato, laranja, limão, araçá, bacuri, cupuaçu e poupa de cupuaçu vendido em sacola de quilo, entre outros. Dentre as hortaliças e legumes se destacam a chicória, cheiro verde, cebola em palha, pepino, jerimum. E dentre os tubérculos está a cenoura e mandioca, sendo a farinha, goma e tapioca que são produzidos a partir deste último muito valorizada e procurada.



Fotografia 3: Produtos comercializados

Os peixes são das mais variadas espécies, sendo os mais encontrados: Curimatã, Jaraqui, Tambaqui, Matrinchã, Pirarucu, Bodó, Pacu, Branquinha, Jiju, Traíra, Jatuarana. Dentre as caças, são vendidos carne de Queixada, Paca, Tatu, Anta, Veado, entre outros. E ainda muito comum a carne de Jacaré.

Segundo pesquisa realizada por Macêdo et. al (2014) no Umariacú, a maioria dos produtos produzidos pelos moradores da comunidade eram para o consumo da família, sendo destinado apenas uma pequena parcela para o comércio na cidade de Tabatinga. Todavia, a pesquisa foi realizada anterior a criação da feira e já houveram várias mudanças na produção a partir de então, pois produzem mais e direcionam boa parte de seus produtos ao comércio e, por vezes até mesmo a maior parte, tendo em vista que há agora uma grande demanda e venda, sem mesmo ter que sair da comunidade, uma vez que a pavimentação da estrada



propicia o acesso de compradores até a comunidade. Acompanhando as reflexões de Matos (2015), vamos entender que os Ticuna ampliaram suas redes de interdependência funcional.

Esta pequena feira localizada entre as duas comunidades, é um espaço bastante procurado e frequentado por quem visita a comunidade, inclusive por pesquisadores. As figurações se mostram neste espaço de contato intercultural e, as relações de interdependência somente se fortalecem entre indígenas e não indígenas, com a constante oferta e demanda de produtos alimentícios nativo, pois de um lado, há os indígenas que produzem os alimentos nativo de qualidade, que são muito procurados pelos visitantes e, de outro lado, temos os não indígenas que compram os produtos.

Norbert Elias (2006, p. 26) considera, que em virtude de os seres humanos dependerem uns dos outros, necessitam e buscam formar vínculos e se agrupam na forma de figurações específicas, essas figurações se diferem de todas as outras figurações entre seres vivos, pois não se pautam em relações biológicas, de gênero, raça ou etnia. O autor ainda ressalta:

Vilarejos podem se tornar cidades; clãs podem se tornas pequenas famílias; tribos podem se tornar Estados. Seres humanos biologicamente invariáveis podem formar figurações variáveis. Essas figurações possuem peculiaridades estruturais e são representantes de uma ordem de tipo particular, formando, respectivamente, o campo de investigação de um ramo da ciência de tipo particular, as ciências sociais em geral e, também, a sociologia (2006, p. 26).

Segundo o autor estes tipos particulares de figurações, representam campos de investigações, assim como o que nos propomos neste trabalho, buscamos analisar e refletir sobre as relações interculturais que se estabelecem nesta pequena feira, que aos finais de semana há um grande fluxo de entrada, chegando até mesmo causar congestionamento. Há ainda tantos outros pesquisadores vindos de lugares diferentes do Brasil e até mesmo do mundo, se embebedam neste espaço fonte de conhecimento, pois segundo Elias (2006, p. 25) as figurações propiciam a transmissão de conhecimento e, neste sentido, há muito que aprendermos dos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas.





Fotografia 4: Entrada de não indígenas

Fotografia 5: Congestionamento em frente à feira

Esta atividade, certamente, não configura uma tradição da cultura indígena, no entanto não nos cabe aqui fazer juízo de valor acerca das práticas e costumes adequados aos povos indígenas, apenas ressaltamos que esta relação interdependente aos poucos tem se afastado da tradicional troca dos povos indígenas.

Lévi Strauss (1942) estudando os índios da América do Sul, descreveu sobre o comércio de produtos entre diferentes grupos indígenas vivendo próximo ao Rio Madeira na parte do Estado do Amazonas. A necessidade por utensílios produzidos especificamente por determinados grupos, levava a um hostil e ao mesmo tempo amistoso processo de aproximação entre os grupos, culminando no que o pesquisador chamou de "monólogo prolongado" entre os líderes de cada grupo, que tinham o papel de estabelecer um contato amistoso e convencer de suas boas intenções.

"Assim, o encontro dos dois grupos, quando pode desenrolar-se de modo pacífico, tem por consequência uma série de presente recíproco: o conflito, sempre possível, dá lugar ao negócio [...] assim trocam-se algodão descascado e novelos de fio; blocos de cera ou de resina; massas de tinta de urucum; contas, brinco, braceletes e colares; tabaco e sementes; penas e lascas de bambu destinados à confecção das flechas; moedas de fibras de palmeiras; espinhos de ouriço; pontes inteiros e cacos de cerâmica; cabaças (LÉVI STRUSS, 1942, p. 141-142).

Este tipo de troca faz parte do costume tradicional indígena e se reproduz ao longo de séculos, assim como a troca solidária dentro de um mesmo grupo, em que há divisão de trabalhos na produção dos alimentos, todavia, prevalecendo o usufruto coletivo após a conclusão dos trabalhos. Esta prática é um dos princípios que fortalecem os vínculos e garante a união e solidariedade entre o grupo.

Neste sentido, semelhante a troca destacada por Lévi Strauss entre os grupos indígenas que estudou, podemos certamente afirmar que há também uma troca entre os Ticuna de Umariçú e os não indígenas, pois, em síntese, os não indígenas necessitam dos produtos oferecidos pelos indígenas e, os indígenas necessitam do dinheiro dos não indígenas. Todavia, uma troca que reflete uma tradição da cultura ocidental e que agora avança também para a cultura indígena.



Vale destacar que o comércio tradicional entre grupos indígenas representa o início de uma relação interétnica amistosa, que se estenderá por longas gerações, e culminaram também em miscigenações. Este novo comércio da cultura ocidental, comporta outras representações, figurações como também já vimos anteriormente, diferente da tradicional troca indígena, esta, necessariamente, não forma vínculos.

Macêdo et al. (2014) acredita que esta nova prática de comércio, teve seu início por volta de 1950, quando a comunidade foi formada vizinha à cidade de Tabatinga e integrada a ela. Destarte, esta integração ao estado nacional influenciou no modo de vida tradicional do Ticuna. Segundo Elias (2006, p. 26) o contato intercultural causa o enfraquecimento de uma em decorrência do fortalecimento de outra, em que uma se sobrepõe a outra. Neste caso, a cultura ocidental se sobrepôs à cultura Ticuna e, no processo de integração, influenciou e substituiu muitos costumes da tradição, sendo um deles o tradicional comércio amistoso e solidário entre os grupos e interno ao grupo, por um modelo de comércio ocidental, de troca baseado no valor monetário dos produtos nativos.

O comércio praticado agora não surgiu apenas para a subsistência, todavia resulta do processo civilizador, em que a influência exterior à cultura no modo de vida habitual deste povo, exigiu uma significativa mudança, adequação e acompanhamento das mudanças que ocorrem no restante do mundo, como adquirir uma TV a cabo, aparelho de som, motocicleta ou mesmo uma roupa da última moda, certamente que é questionável a possibilidade de obtenção de um elevado poder de compra apenas através do comércio de seus produtos, no entanto sabemos que os povos indígenas possuem muitos direitos adquiridos constitucionalmente e, isto inclui benefícios, desta forma a renda dos produtos comercializados associados aos benefícios que recebem dos estado lhes possibilita o poder de compra.

Matos (2015, p. 38-39) considera, que o processo civilizador, está relacionado também às exigências exteriores e, exemplificou as cobranças de boas maneira e autocontrole das crianças pelos adultos, e deste último pelo governo, na exigência de cumprimento de condicionalidades, para continuação de recebimentos de benefício como o Bolsa Família, entre outros. Destarte, podemos também considerar a exigência de adequação do modo de viver de determinado povo, cuja cultura esteja sob influência de outra, o qual vimos nitidamente neste trabalho.



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As comunidades indígenas de Umariacú I e II na cidade de Tabatinga desde antes e ainda hoje, passam por constantes mudanças de adaptação e integração à cultura nacional. Estas transformações que surgem a partir das intensificações do contato entre indígenas e não indígenas, ainda que se transpareçam de positivas pretensões, influem lentamente nos padrões sociais que justificam o modo convencional de vida dos integrantes de ambas as comunidades.

Sendo assim, percebemos que a estruturação da principal via de acesso às duas comunidades, ainda que inconclusa, alteraram disfarçadamente o ritmo de vida dos moradores, pois com o aumento de entrada de não indígenas e, conseqüentemente, também da demanda dos produtos nativos, passam a produzir mais do que apenas o necessário para a subsistência, atribuindo um valor econômico aos produtos e ao trabalho, assim como enfraquecendo vagarosamente a tradicional troca solidária e o trabalho coletivo, que antes criavam e fortaleciam vínculos.

Ressaltamos, que não intencionamos neste estudo, construir um juízo de valor condenatório acerca dos processos sociais que avançam em direção às comunidades, tampouco defender um adequado modo de vida dos povos indígenas, pois há quem defenda o fortalecimento do contato e integração destes à cultura nacional e, ainda quem defende a proteção da tradicional forma de viver destes povos por meio do isolamento.

Contudo, buscamos refletir aqui acerca das mudanças que estão ocorrendo atualmente em Umariacú I e II e as direções em caráter simultâneo que se seguem, pois é necessário compreender, que apesar do caráter positivo ou negativo, ou ainda de ambos, concomitantemente em direções opostas que tais alterações assumem, não fogem aos seus efeitos.

REFERÊNCIAS

ELIAS, Norbert. **Escritos & ensaios; 1: Estado, processo, opinião pública**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ISA – **Instituto Socioambiental**. Disponível em: <<http://www.socioambiental.org>>. Acesso: 08/09/2017.



5° EPPAC

Encontro de Políticas Públicas para a Pan-Amazônia e Caribe

13,14 e 15/09/2019

Benjamin Constant/AM - Brasil

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Guerra e Comércio entre os Índios da América do Sul.** Revista do Arquivo Municipal, 8(87): 131-146, 1946.

MACÊDO, Amanda Machado et al. **Economia indígena: os modos de produzir e viver dos Ticuna na cidade de Tabatinga (AM).** XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais – ABEP. São Pedro/SP, 24 a 28 de novembro, 2014.

MATOS, Gláucio Campos Gomes de. **Ethos e figurações na hinterlândia amazônica.** Manaus: Editora Valer / Fapeam, 2015.